

carlos cruz-diez

caracas, venezuela, 1923 – paris, França, 2019

Cruz-Diez é considerado um dos principais expoentes da arte contemporânea. Iniciou sua pesquisa sobre a cor junto ao movimento cinético dos anos 1950-1960. O desenvolvimento de sua reflexão plástica ampliou nosso entendimento sobre a cor, demonstrando que a percepção do fenômeno cromático não está associada à forma. Cruz-Diez concebeu essa proposição no que ele qualifica como estruturas espaciais, “cromoestruturas” ou suportes para eventos cromáticos, dando origem ao que conhecemos como “Fisicromia”, “Transcromia”, “Indução Cromática”, “Cor Aditiva” e “Cromosaturação”. Em suas obras, demonstra que a cor, ao interagir com o espectador, converte-se em um acontecimento autônomo capaz de invadir o espaço sem o recurso da forma, sem anedotas, desprovida de símbolo.

Foi premiado na França, na Argentina e na Venezuela, e suas obras estão em diversos acervos: Archer M. Huntington Art Gallery, University of Texas (Austin); Casa de las Américas (Havana); Collection of Latin American Art, University of Essex (Colchester); Daros Latinamerican Collection (Zurique); Museum of Modern Art (Nova York); Irish Museum of Modern Art (Dublin); Josef Albers Museum Quadrat Bottrop; Musée d’Art Contemporain de Montréal; Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris; Musée national d’art moderne – Centre Georges Pompidou (Paris); Museo de Arte Contemporáneo (Bogotá); Museo de Arte Contemporáneo de Caracas Sofía Imber; Museo de la Solidaridad Salvador Allende (Santiago); Museum of Contemporary Art (Sydney); Museum of Fine Arts, Houston; Museum of Modern Art (Sydney); Muzeum Sztuki (Lodz); National Taiwan Museum of Fine Arts (Taichung); Neue Pinakothek (Munique); Palais de l’Unesco (Paris); Sonja-Henie Museum of Modern Art (Hovikodden); Tate Gallery (Londres); The Blanton Museum of Art (Austin).

No Brasil, suas obras estão no acervo do Museu de Arte Moderna. A Galeria Raquel Arnaud representa Cruz-Diez desde 1983, e apresentou obras inéditas do artista no país nas exposições Cruz-Diez – A cor no espaço, em 2007, e Cruz-Diez: circunstância e ambiguidade da cor, em 2012.

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

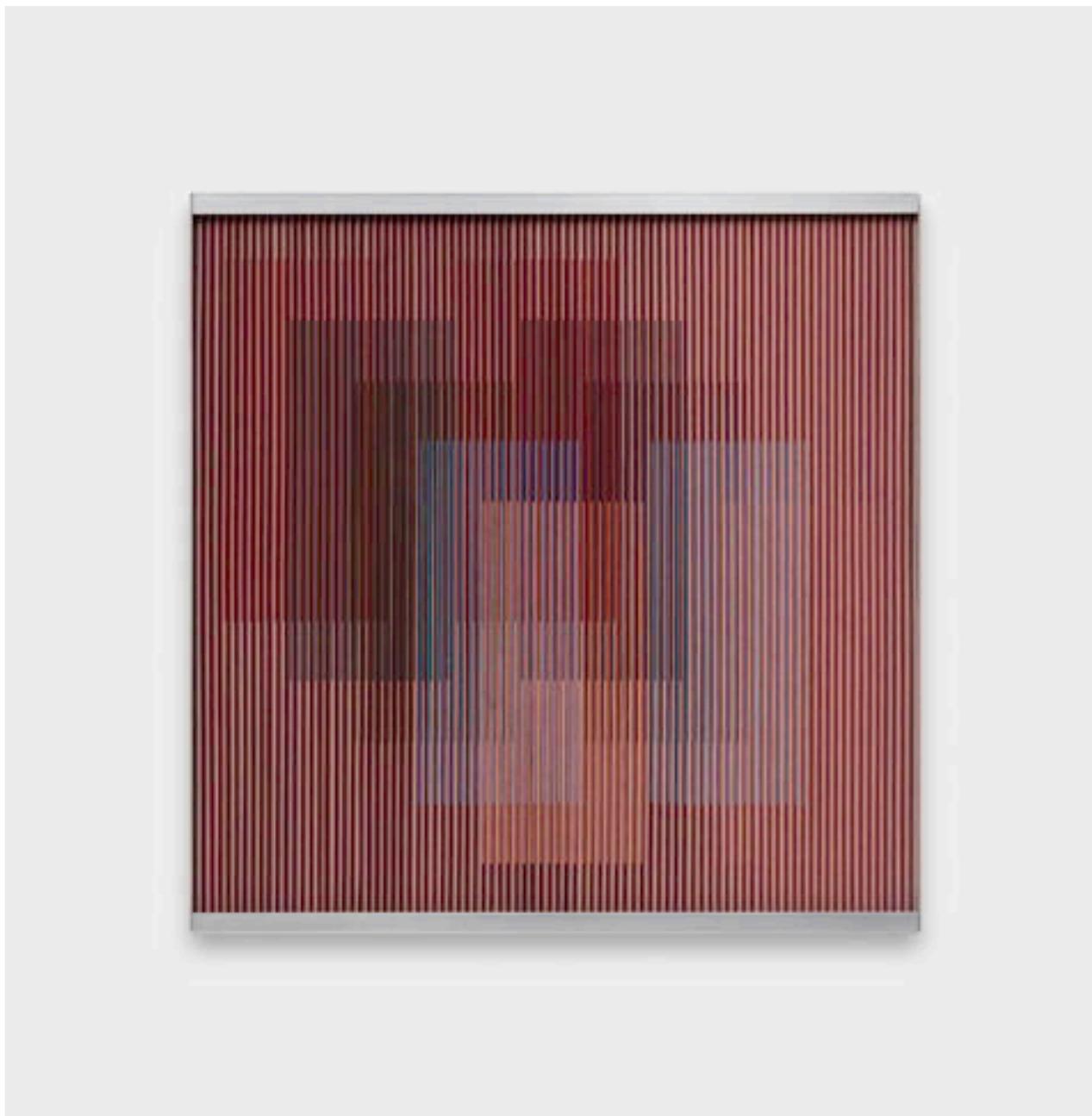
11350

Carlos Cruz-Diez

Physichromie n° 463_ 1969

*Tinta acrílica e lâminas de PVC em
madeira*

62 x 61 x 4 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

12270

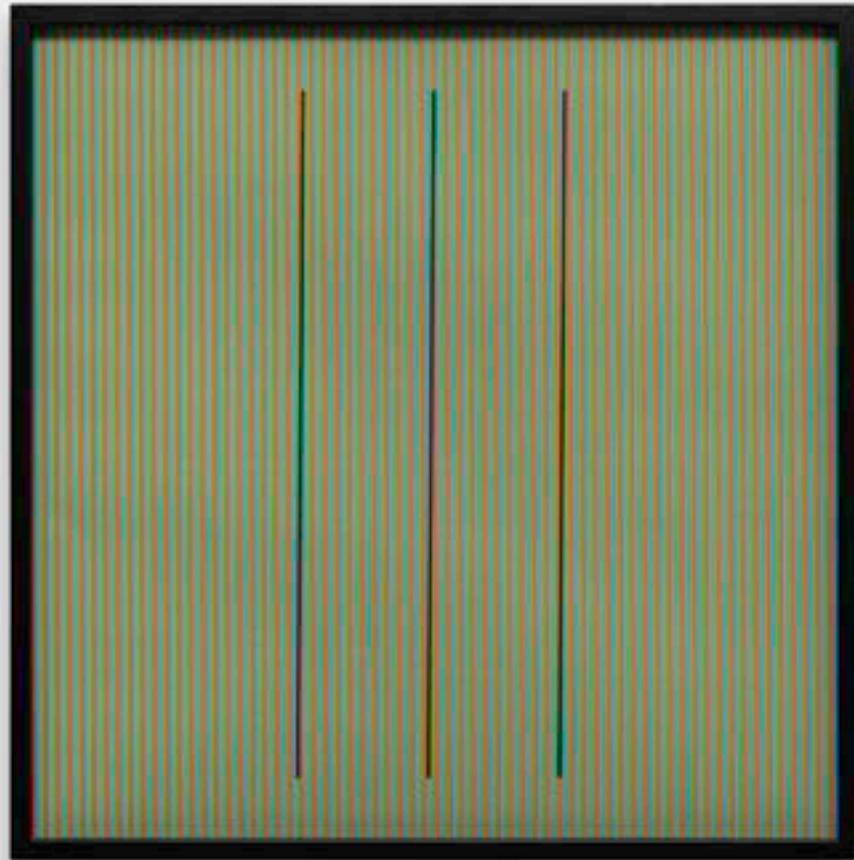
Carlos Cruz-Diez

Sábado _ 2013

litografía

Ed 55/75

60 x 60 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

14416

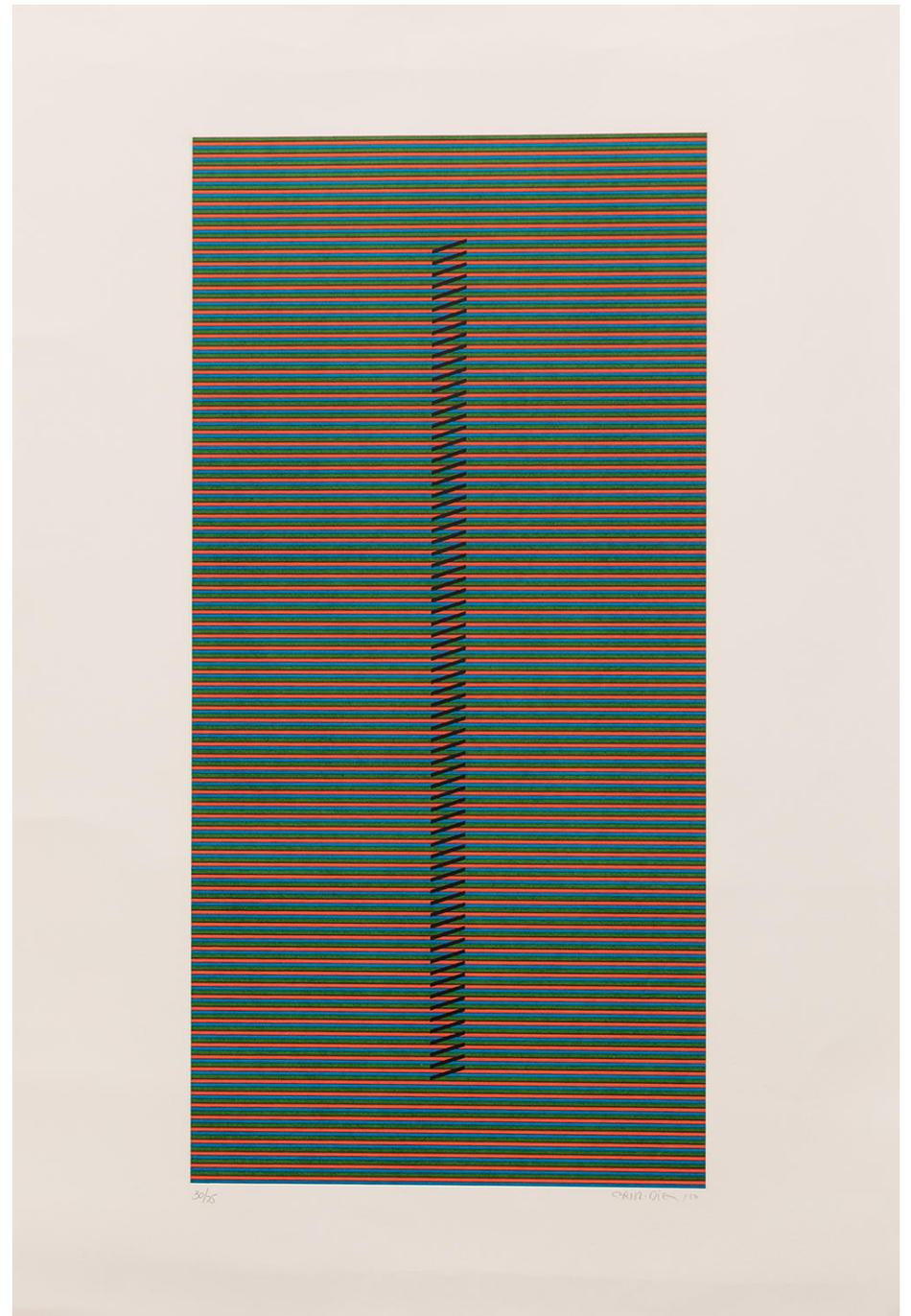
Carlos Cruz-Diez

Sem titulo

serigrafia

Ed 30/75

100 x 69,5 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

14417

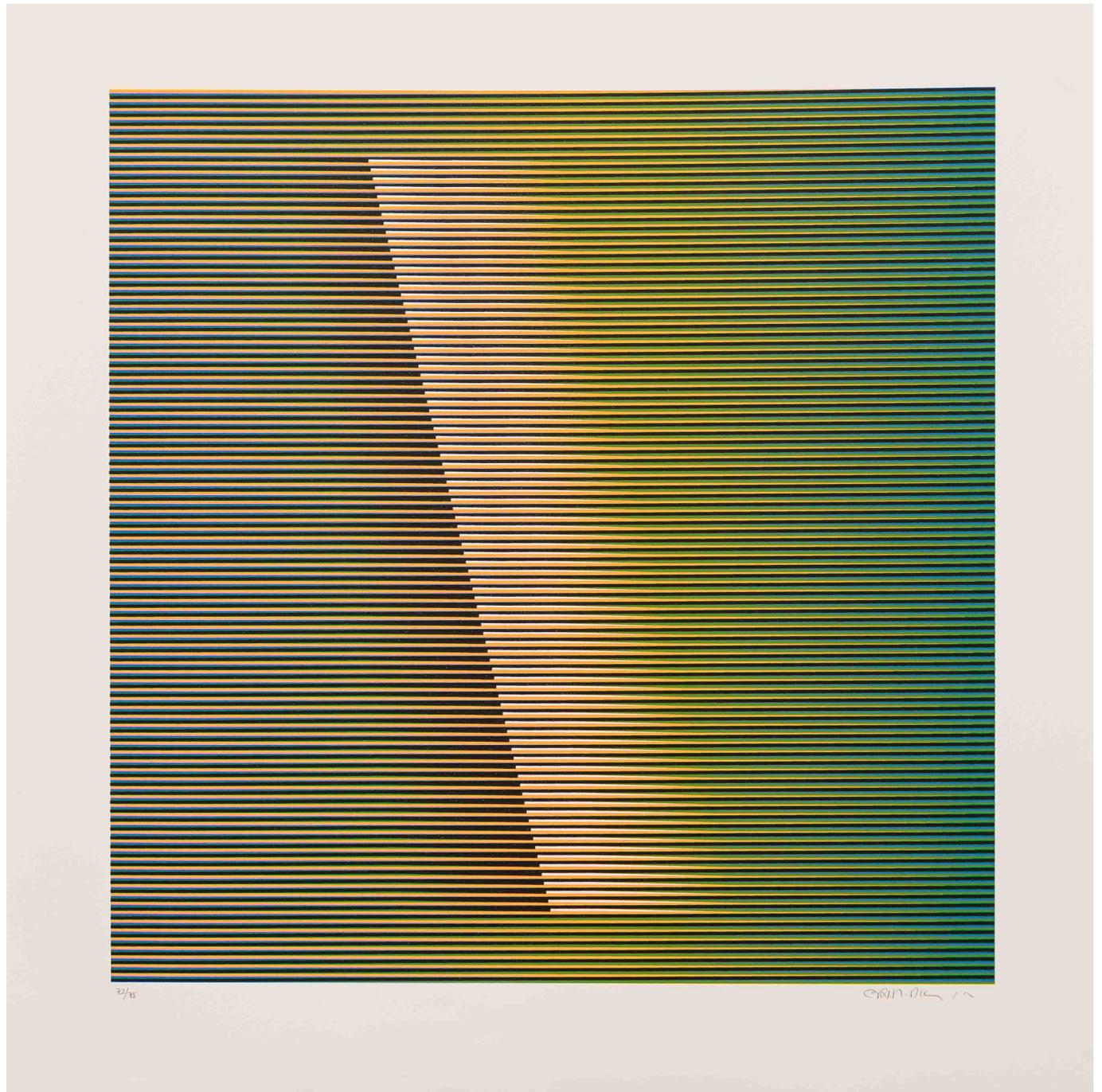
Carlos Cruz-Diez

Color Aditivo 2, da série Medellín _ 2013

serigrafia

Ed 72/75

75 x 75 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

14419

Carlos Cruz-Diez

Color Aditivo 3, da série Medellín _ 2013

serigrafia

Ed 72/75

75 x 75 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

10642

Carlos Cruz-Diez

Transchromie Dames A Permutation 1 _

1965/2009

acetato e alumínio

263 x 155 x 37 cm



dario perez-flores

valera, venezuela, 1936_ vive e trabalha em paris

Bacharel em Literatura, Universidade Central da Venezuela (UCV) Caracas, Venezuela. Dario Perez Flores inicia sua carreira artística na Venezuela em 1961. Participa de diferentes exposições de artes visuais e esculturas na Venezuela e trabalha como professor.

Em 1970, ele recebe uma bolsa de estudos e se muda para a França. Ele estuda História da Arte na Université de Vincennes-Paris VIII. Foi durante esse período que Dario conheceu Frank Popper, professor emérito de “A estética e os fundamentos científicos da arte” e estava apresentando sua tese de doutorado em arte cinética. Nesse mesmo ano, Dario faz seus primeiros trabalhos cinéticos com movimento vertical, esculturas de acrílico com elementos móveis intercambiáveis, completamente incolores.

Em 1973, Dario apresentou seus primeiros relevos, tramas móveis motorizadas, cujas linhas brancas se movem ao mesmo tempo vertical e horizontalmente sobre um fundo escuro, produzindo uma interessante relação espacial. Essas peças serão a chave do artista. Em 1976, Dario finalmente cede à cor. No entanto, o uso de preto e branco contrastante não desaparecerá completamente, nem a escala de cinzas que lhe permitirá elaborar suas montagens ópticas.

Frank Popper reconhecerá o valor ganho com essas “incríveis montagens dinâmicas” da Dario, assim que a cor for aplicada a elas. Segundo o teórico, Dario Perez Flores se afasta das teorias quantitativas da cor propostas por Newton e se aproxima da teoria de Goethe, escolhendo a primazia das sensações associadas à cor e a importância da capacidade perceptiva que temos sobre a cor.

Dos anos 80 até hoje, Dario desenvolve uma profusa "gramática de cores". Ele apresenta "Prochromatiques", obras de arte derivadas de seus experimentos com elementos móveis. O fundo da peça possui um elemento repetitivo no qual há uma gradação de cores branca e preta, alternando com faixas coloridas. Contrastando com esse pano de fundo, encontramos uma profusão de paus coloridos que oferecem corpo e equilíbrio à peça, gerando correspondências cromáticas por contraste ou semelhança com o pano de fundo. A vibração resultante depende do deslocamento e da sensibilidade do espectador em relação à peça; ele está sendo condicionado por suas próprias habilidades físicas e psíquicas.

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

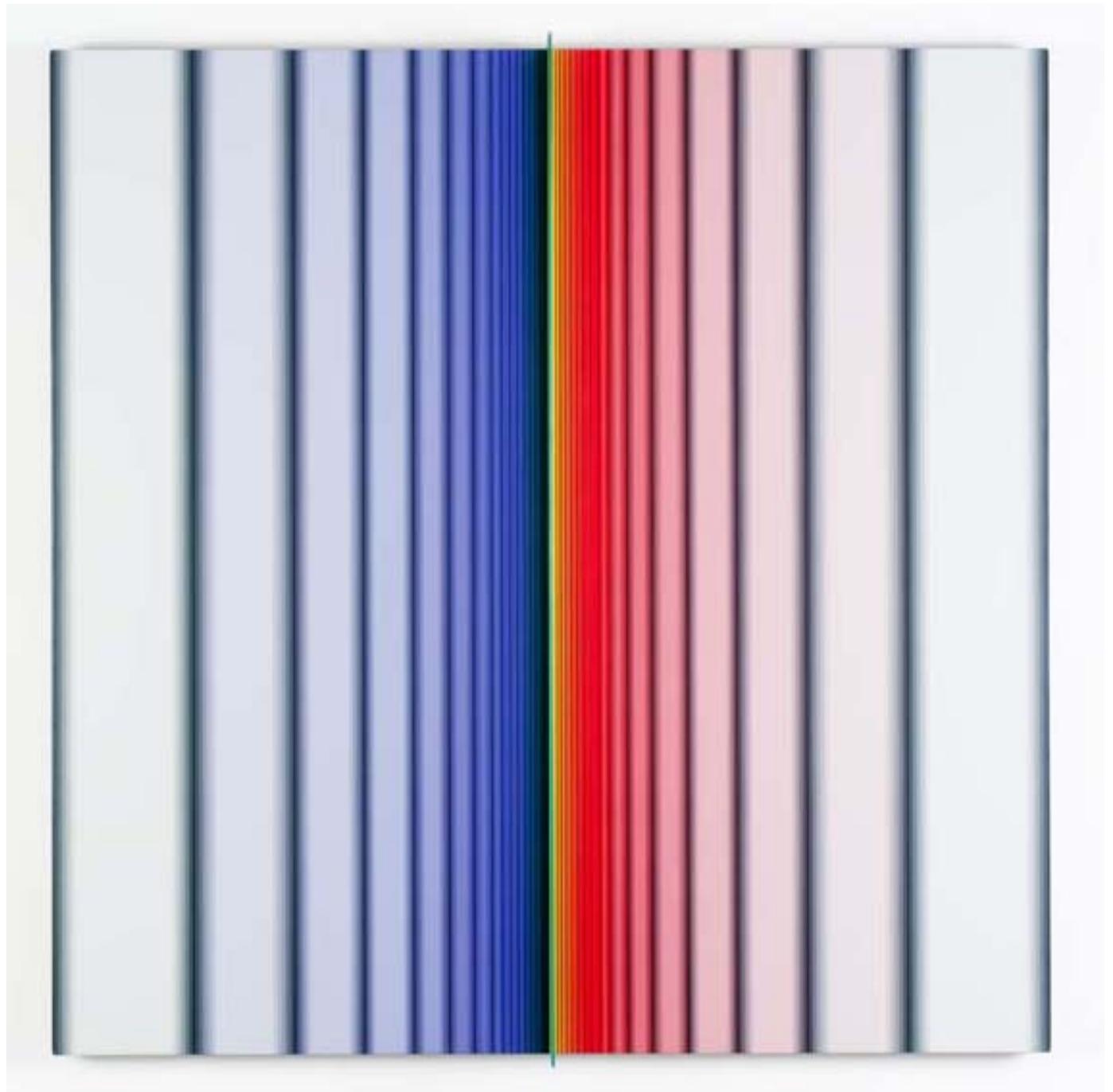
10998

Dario Perez-Flores

Prochromatique 186_ 1989

tinta acrílica sobre tela, madeira e metal

120 x 120 cm



françois morellet

cholet, França, 1926 - cholet, França, 2019

Ele começou a pintar aos 14 anos e estudou literatura russa em Paris. Ao concluir seus estudos, ele voltou para Cholet em 1948, continuando a pintar enquanto dirigia uma fábrica de brinquedos de propriedade familiar até 1976. Em 1950, ele visitou o Brasil, onde conheceu o movimento Concrete Art e as inovações de seu progenitor, Max Bill .

Após seu retorno à França em 1951, a abordagem estilística de Morellet para a pintura mudou, tornando-se mais geométrica e analítica. Em 1952, ele adotou sistemas e abstração geométrica. Em 1961, ele fundou o Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV) com Stein e seus colegas artistas Julio Le Parc, Jean-Pierre Yvaral, Francisco Sobrino e Horacio Garcia Rossi. O grupo buscou o que Morellet chamou de "pintura experimental programada": um modo de fazer arte que procurava envolver ativamente o espectador por meio de instalações imersivas e multissensoriais. Em 1963, Morellet começou a trabalhar com um fabricante de néon para gerar arranjos de luz combinados com sistemas de temporização mecânica feitos à mão, que estabeleciam um ritmo de iluminação específico para cada painel.

Depois que o GRAV se dissolveu em 1968, os interesses de Morellet na especificidade do site ganharam força, e suas grades se expandiram para estruturas arquitetônicas. Ele também começou a criar composições densas de linhas segmentadas renderizadas em tubos de neon, aparentemente suspensos no ar.

O trabalho de Morellet foi incluído em importantes exposições internacionais de grupos, incluindo O Olho Responsivo no Museu de Arte Moderna de Nova York (1965), Documenta em Kassel, Alemanha (1964 [com GRAV], 1968 e 1977) e a Bienal de Veneza (1970, 1990 e 2011). Em 1971, sua primeira exposição individual em museus teve origem no Stedelijk Van Abbemuseum em Eindhoven, na Holanda, e viajou pela Europa. Seu trabalho foi objeto de uma retrospectiva americana em 1985, que viajou para a Galeria de Arte Albright-Knox em Buffalo, o Musée d'art contemporain em Montreal, o Museu do Brooklyn e o Centro de Belas Artes de Miami. Outras grandes retrospectivas do trabalho de Morellet foram realizadas no Centre Pompidou (1986 e 2011) e na Galerie nationale du Jeu de Paume (2000-01) em Paris. Seu trabalho faz parte de grandes coleções públicas em todo o mundo, incluindo o Museu de Arte de Los Angeles, o Museu de Arte Moderna de Nova York, o Museu de Arte de Seul, Tate Britain, o Museu de Tel Aviv e o Kunsthaus Zurich. Ele é um dos três artistas contemporâneos a ter uma instalação permanente no Louvre, em Paris, instalada em 2010 na escada Lefuel.

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

11699

François Morellet

2+4 angles droits n4 - 12053 _ 2012
acrílico sobre tela e tubos brancos de
neon

Ed 3/3

158 x 154 cm



jesús rafael soto

ciudad bolívar, venezuela, 1923 - paris, França, 2005

Ele estudou na Escuela de artes plásticas em Caracas, de 1942 a 1947, e depois atuou como diretor da Escuela de artes bellas em Maracaibo, Venezuela, até 1950, quando se mudou para Paris. Lá ele se associou a Yaacov Agam, Jean Tinguely e Victor Vasarely, além de artistas ligados à Galerie Denise René e ao Nouveau Réalistes (Novos Realistas). Tendo começado como pintor ilusionista, em 1955, Soto participou do Le mouvement (The Movement) na Galerie Denise René, a exposição que efetivamente lançou a arte cinética. Por essa época e por muitos anos subsequentes, a arte de Soto oscilou entre formas geométricas e orgânicas. Seu trabalho é frequentemente associado à Op art venezuelana, porque as formas geométricas seriais de suas pinturas da década de 1950 têm uma afinidade com as obras desse movimento posterior. Em 1957, Soto havia mudado para uma abstração mais gestual, mas em 1965 havia retornado definitivamente a um idioma geométrico. Durante a mesma década, ele começou a fazer construções cinéticas lineares usando materiais industriais e sintéticos, como nylon, perspex, aço e tinta industrial.

As principais exposições do trabalho de Soto ocorreram na Signals Gallery, Londres (1965); Museu de Arte Contemporânea, Chicago (1971); Museu Solomon R. Guggenheim, Nova York (1974); e Museu Nacional de Arte Moderna, Centre Georges Pompidou, Paris (1979). Para cada uma dessas exposições, Soto usou fio de nylon oscilante ou fio de plástico para transformar o espaço da galeria em uma instalação cinética abrangente, na qual a experiência do espectador no ambiente construído era central para o significado da obra. As esculturas e os ambientes de Soto costumam brincar com a justaposição de sólidos e vazios, perturbando deliberadamente o ato de ver, obscurecendo a distinção entre realidade e ilusão.

Em 1969, a UNESCO encomendou à Soto a criação de dois murais para seus edifícios em Paris. Nas décadas seguintes, várias outras comissões se seguiram, incluindo duas na Venezuela, sua terra natal: uma na estação de metrô Chacaíto, em Caracas, e a outra no teto do Teatro Teresa Carreño, também em Caracas. Em 1973, o Museu de arte moderna Jesús Soto, que abriga suas obras, além de obras de artistas de vanguarda internacionais que ele admirava, incluindo Jean Arp, Kazimir Malevich e Man Ray, foi inaugurado em sua cidade natal, Ciudad Bolívar.

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

7345

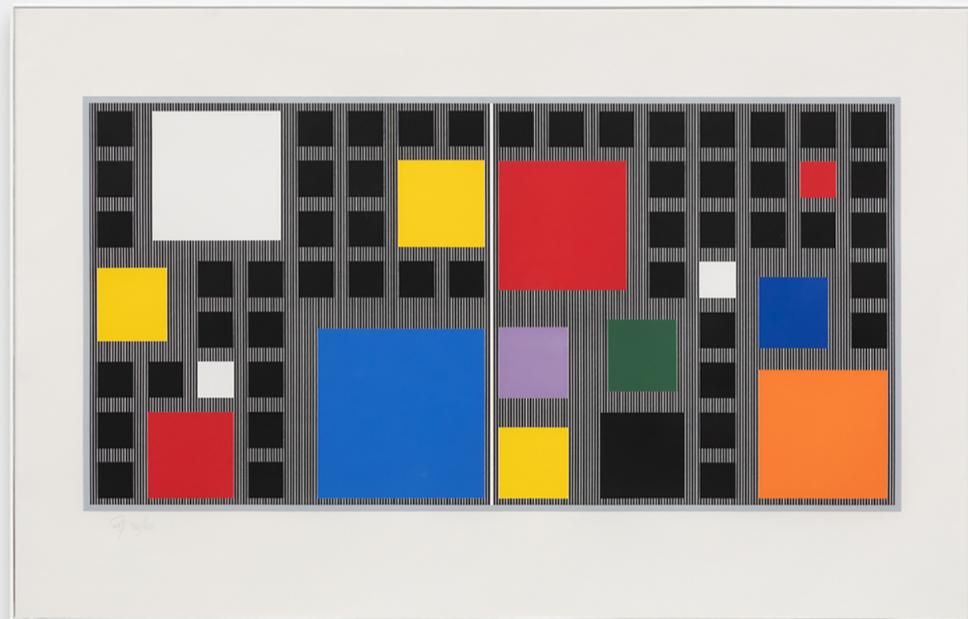
Jesús Rafael Soto

Mur Polychrome CFDT _ 1988

serigrafia

Ed 30/60

47 x 74.5 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

7440

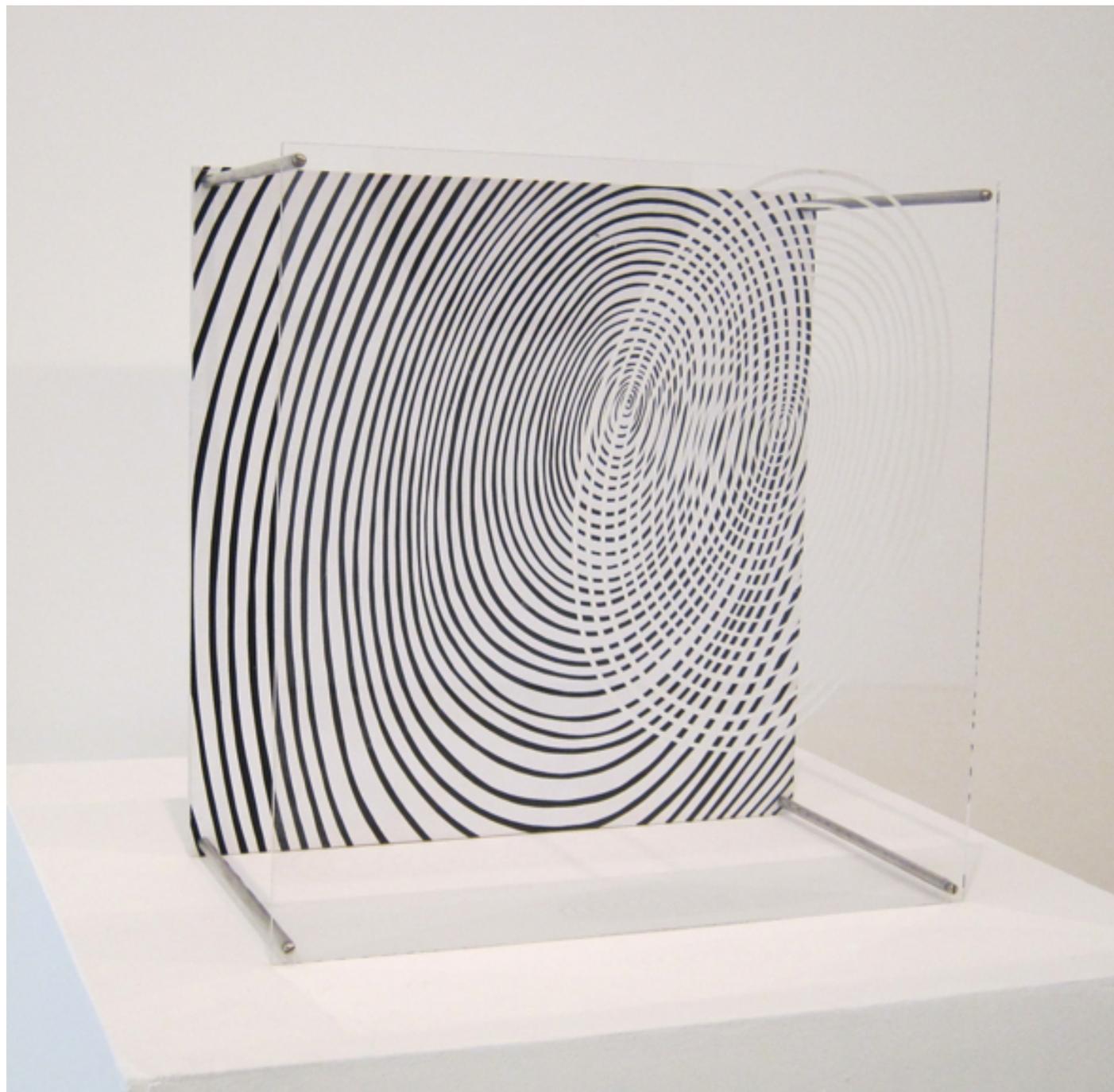
Jesús Rafael Soto

Sotomagie _ 1967

*serigrafia sobre acrílico e madeira, metal
cromado*

Ed 2/100

33 x 33 x 15 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

9489

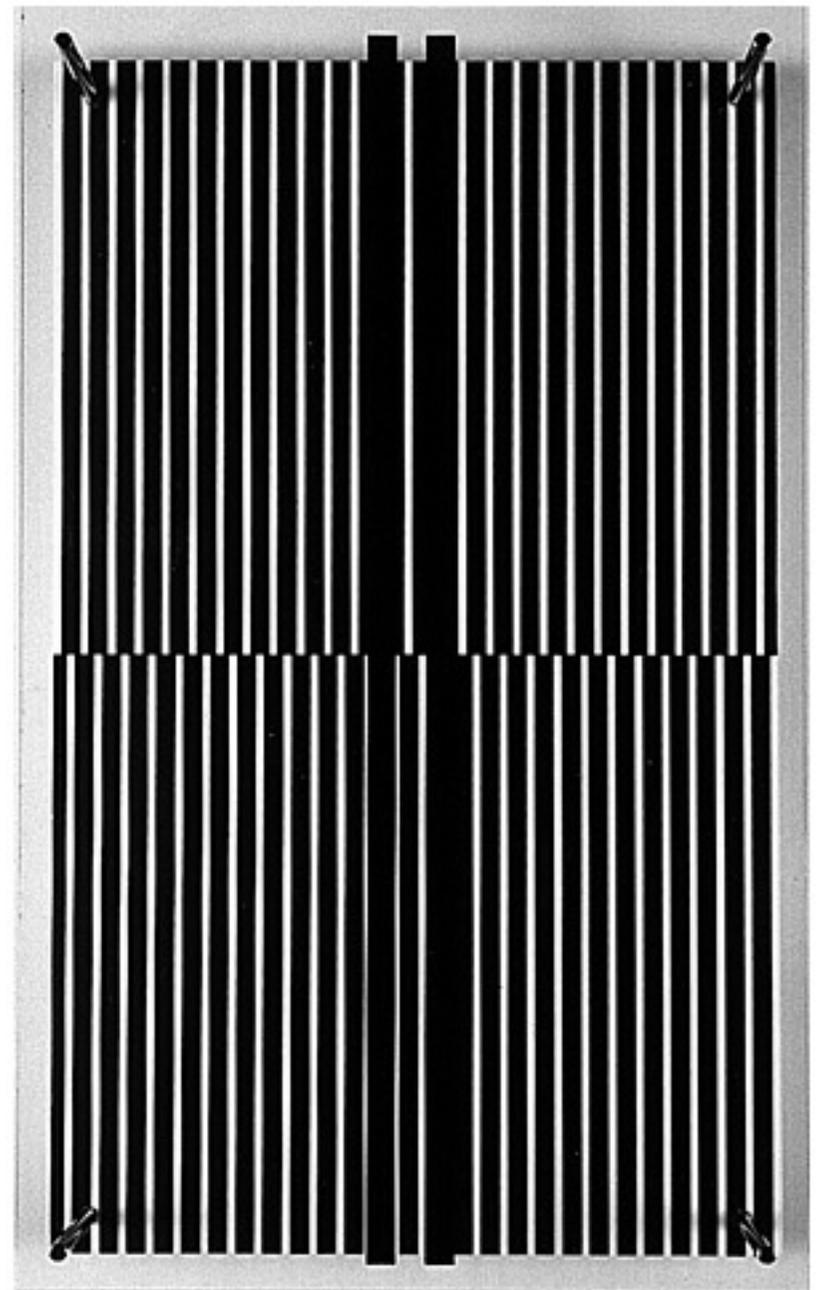
Jesús Rafael Soto

Paralelas Vibrantes _ 1979

serigrafía sobre acrílico e metal cromado

Ed 59/110

44 x 27 x 14 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**



10523

Jesús Rafael Soto

Blanc et Citron _ 1994

acrílica sobre madeira e metal pintado

39,5 x 52 x 15 cm

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

10638

Jesús Rafael Soto
Album para chile _ 1976
serigrafía
Ed P.A.
65 x 50 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

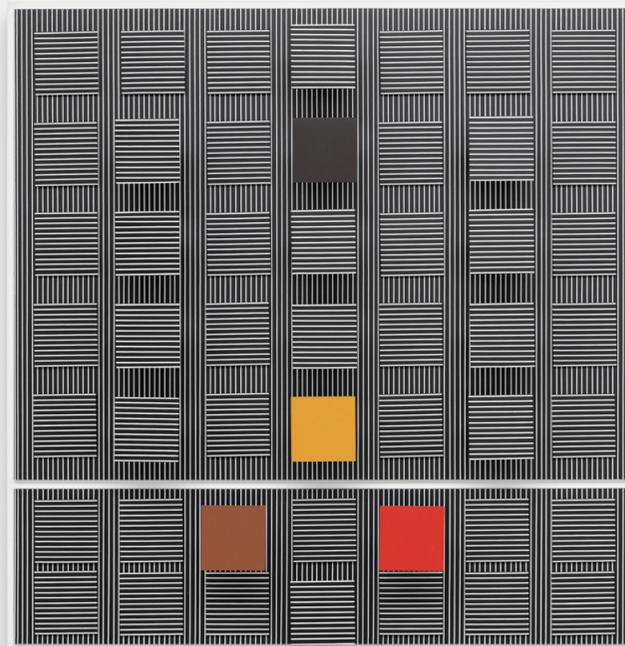
11836

Jesús Rafael Soto

Quatre carrés de couleurs _ 1993

tinta sobre madeira e metal

82 x 83 x 17 cm



luis tomasello

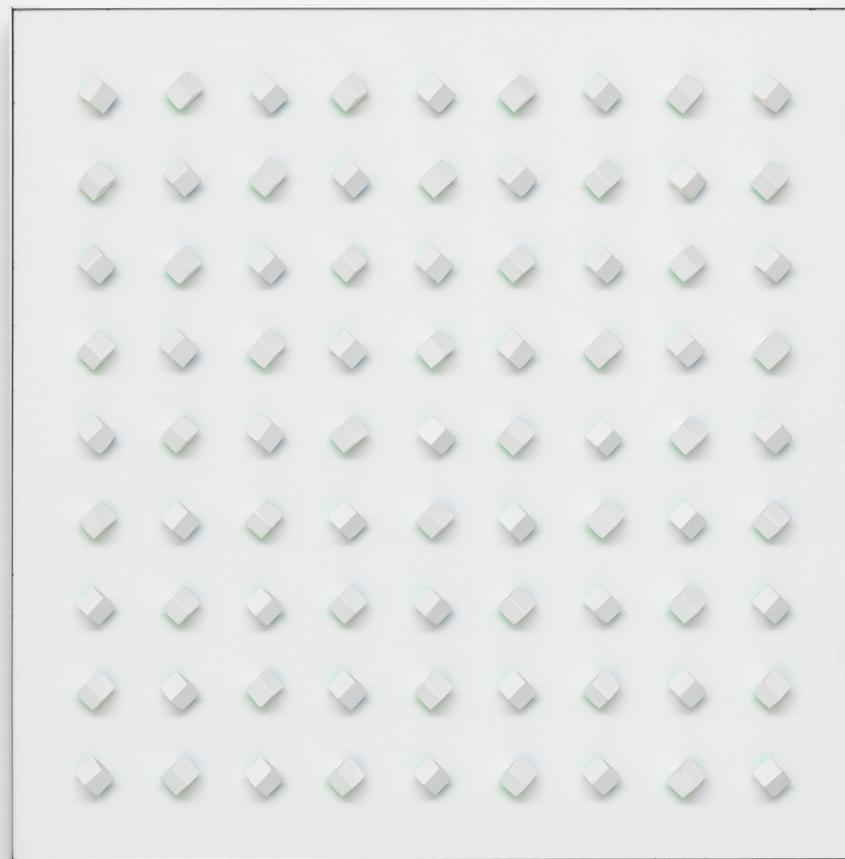
buenos aires, argentina, 1915_ vive e trabalha em paris

A primeira experiência de trabalho de Luis Tomasello foi com o pai, como pedreiro, carpinteiro e pintor. Ele começou a frequentar aulas de desenho à noite quando adolescente e frequentou a Escola Nacional de Belas Artes Prilidiano Pueyrredón, em Buenos Aires, de 1932 a 1938. Dois anos depois, ele se matriculou na Escola Superior de Belas Artes Ernesto de la Cárcova, onde estudou até 1944. Em meados da década de 1940, jovens artistas em Buenos Aires estavam desafiando as tradições representacionais na arte; Tomasello conheceu os pintores Emilio Pettoruti e Carmelo Arden Quin durante esse período, duas figuras importantes da vanguarda argentina.

Em 1951, Tomasello viajou para Paris pela primeira vez; ele se mudou permanentemente para Paris em 1957, juntando-se a uma grande e dinâmica comunidade de expatriados de artistas cinéticos da América Latina. Muitos desses artistas começaram a fazer trabalhos abstratos construtivistas e depois mudaram para a arte cinética e óptica em meados da década de 1950 e no início da década de 1960. Tomasello é conhecido internacionalmente por suas Atmospheres cromoplastiques, nas quais ele coloca cubos brancos sobre fundo branco para se envolver com as cores das sombras e da luz refletida. Além de exibir extensivamente internacionalmente, Tomasello concluiu inúmeras comissões de arte pública em larga escala na Argentina, França, México e Estados Unidos. Seu mural cromoplástico (2011) está em exibição no Museu de Arte Nelson-Atkins, em Kansas City.

As obras de Luis Tomasello estão representadas em várias coleções importantes, incluindo o Carnegie Institute, Pittsburgh, EUA; Centre Georges Pompidou, Paris, França; Centre National d'Art Contemporain, Paris, França; Museu de Arte Moderna, Buenos Aires, Argentina; Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha; Museu Nacional de Belas Artes, Buenos Aires, Argentina; Museu Wifredo Lam, Havana, Cuba; Universidade de Nova York, Nova York, NY, EUA; Fundação Peter Stuyvesant, Amsterdã, Holanda; O Museu de Belas Artes, Houston (MFAH), Houston, EUA; e o Museu de Arte Nelson Atkins, Kansas City, EUA.

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**



10859

Luis Tomasello

Atmosphere chromoplastique n°.972 _

2011

tinta acrílica sobre madeira

60 x 60 x 6 cm

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

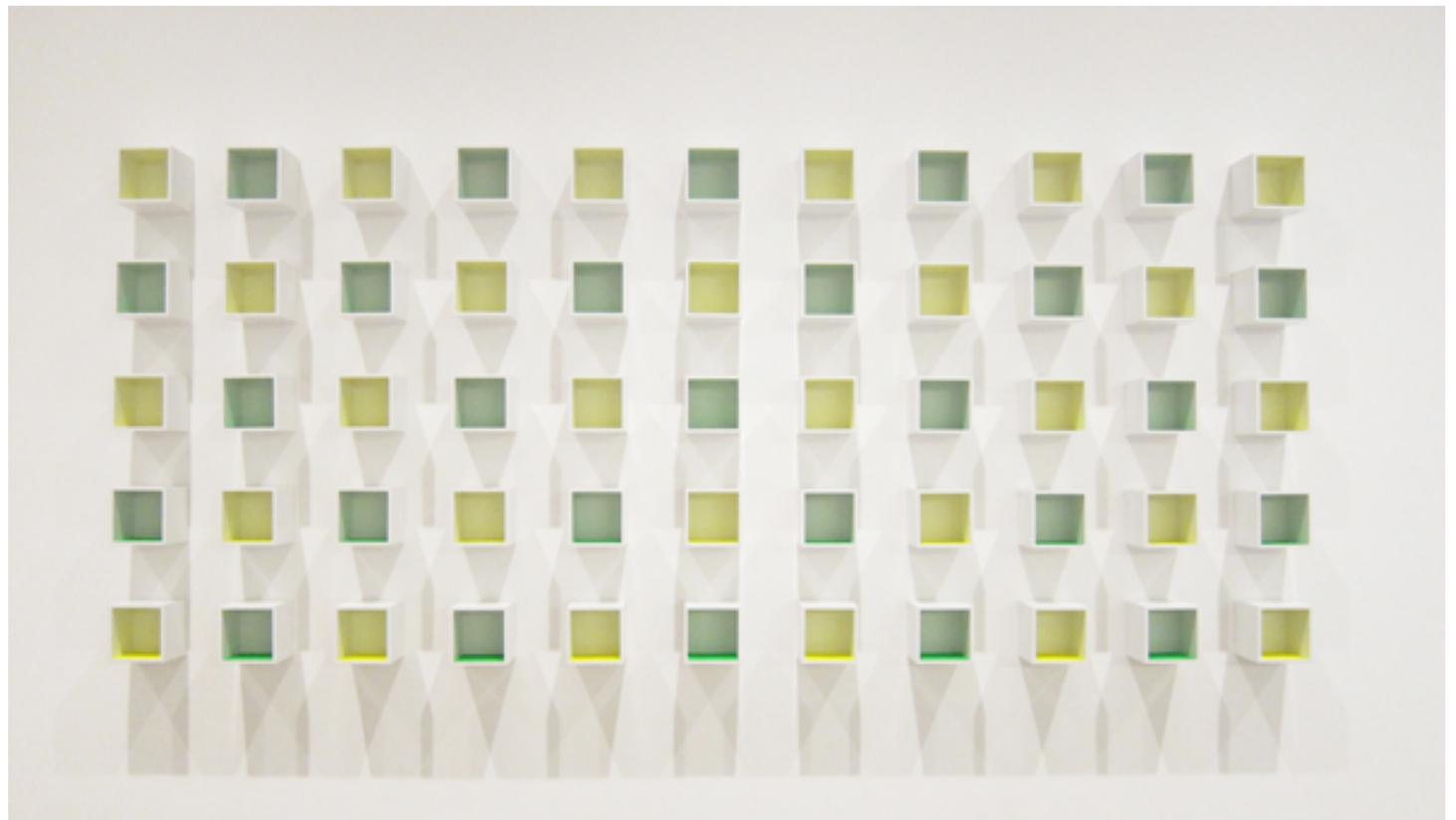
10957

Luis Tomasello

Mural cromoplástico Brasil _ 2012

tinta acrílica sobre madeira

100,8 x 235,2 x 11,2 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

12591

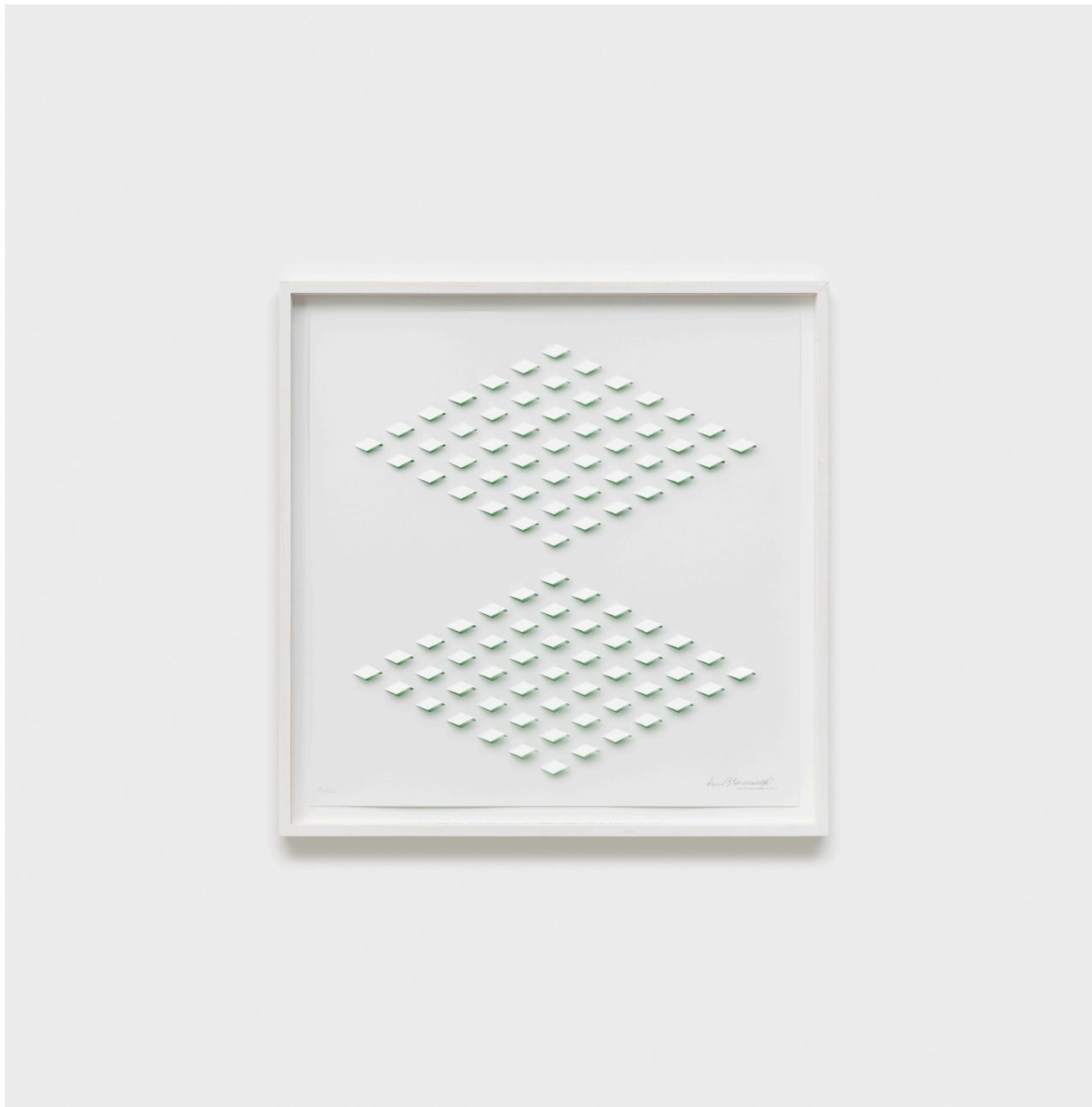
Luis Tomasello

Sem título

litogravura

Ed 50/50

70 x 70 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

12592

Luis Tomasello

Sem título

litogravura

Ed 49/50

70 x 70 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

12596

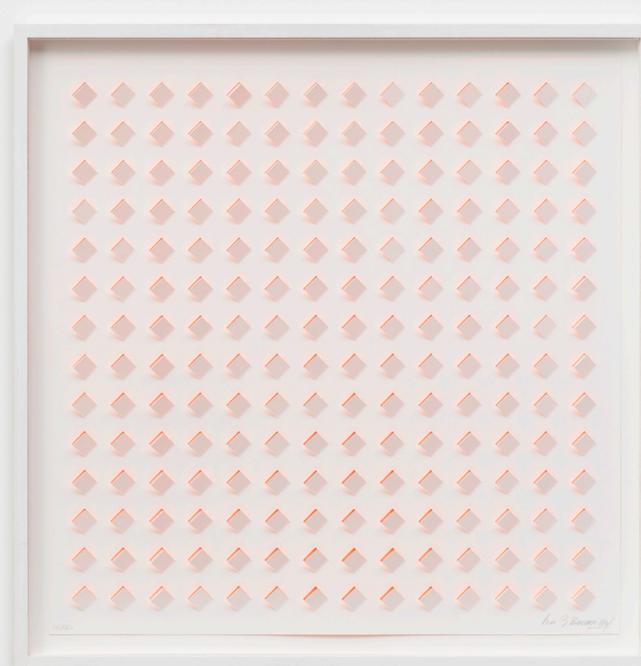
Luis Tomasello

Sem título

litogravura

Ed 45/50

70 x 70 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

12597

Luis Tomasello

Sem título

litogravura

Ed 50/50

70 x 70 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

14442

Luis Tomasello

Atmosphere Cromoplastique n° 883 _

2013

madeira pintada

Ed 21/50

43 x 43 x 5 cm



GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**

14443

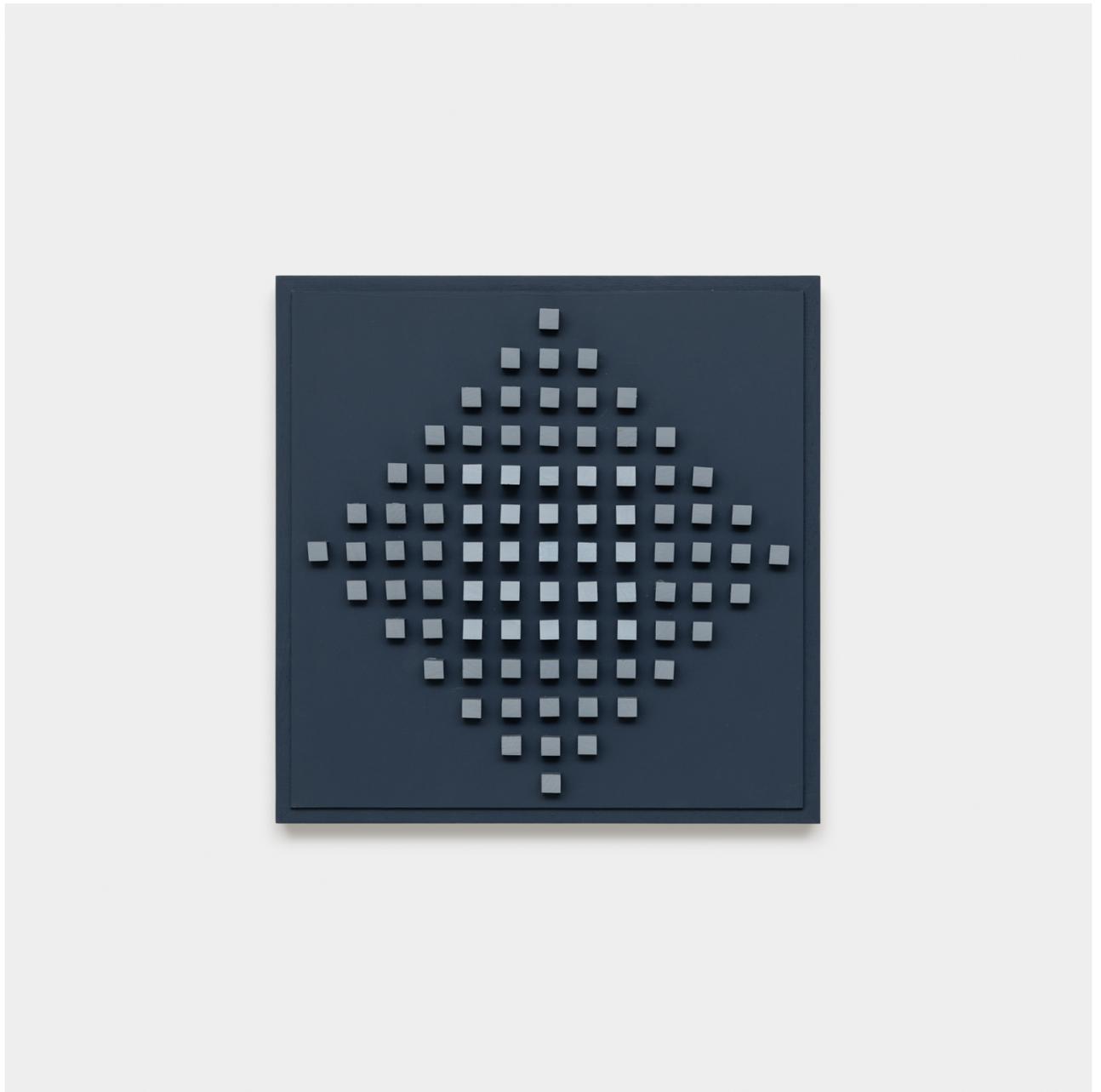
Luis Tomasello

Objet Plastique n° 884

madeira pintada

Ed 22/50

42,5 x 45,5 x 4 cm



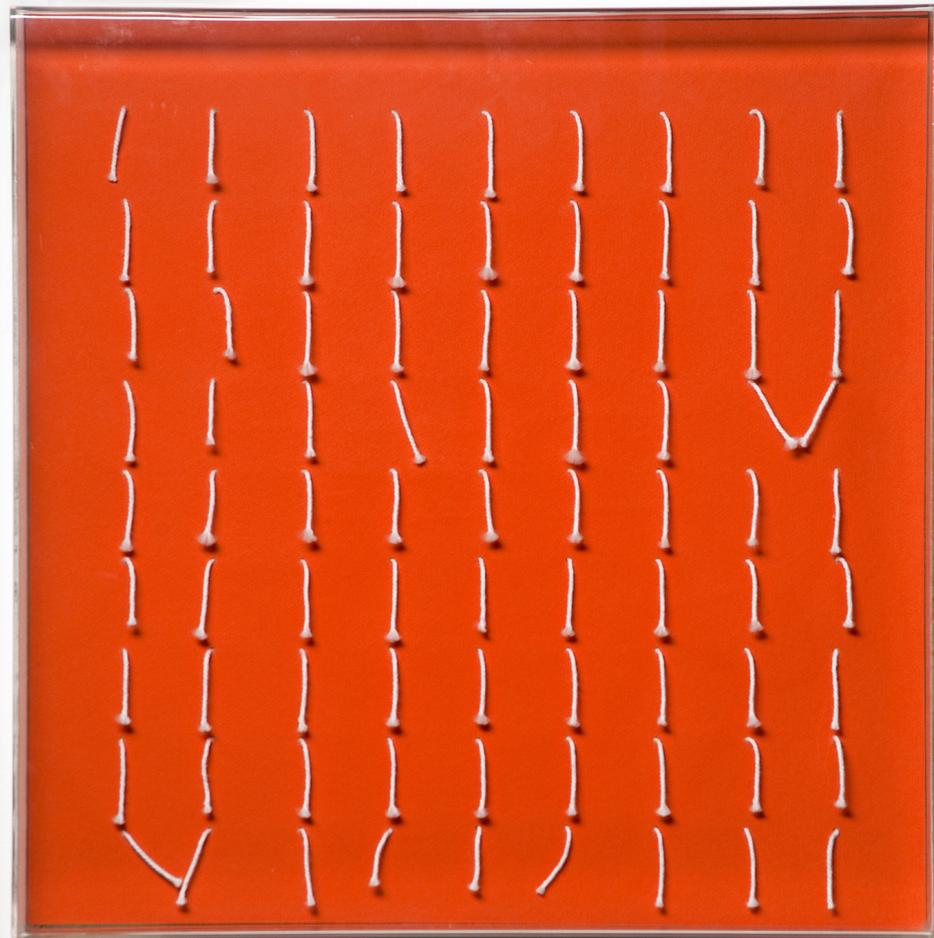
sérvulo esmeraldo

fortaleza, brasil, 1929 - fortaleza, brasil, 2017

Sérvulo Esmeraldo iniciou-se profissionalmente no final da década de 1940, frequentando o ateliê livre da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap), em Fortaleza. Transferiu-se para São Paulo em 1951. O trabalho temporário na Empresa Brasileira de Engenharia (EBE) nutriu seu interesse pela matemática e repercutiu em seu futuro: em 1957, trabalhando como xilógrafo e ilustrador do Correio Paulistano, expôs individualmente no Museu de Arte Moderna de São Paulo uma coleção de gravuras de natureza geométrica construtiva. O refinamento do seu trabalho foi decisivo para a obtenção da bolsa de estudos do governo francês que o levou, no mesmo ano, para uma longa estada na França.

Em Paris, frequentou o ateliê de litogravura da École Nationale des Beaux-Arts e estudou com Johnny Friedlaender. Na década de 1960 dedicou-se à projetos movidos a motores, ímãs e eletroímãs. Utilizando-se apenas da magia da eletricidade estática chegou à série de Excitables, trabalho que o particularizou na arte cinética internacional. Em 1977 iniciou o retorno à terra natal, trabalhando em projetos de arte pública que incluíam esculturas monumentais na paisagem urbana de Fortaleza, cidade para onde se mudou em 1980 e que hoje abriga cerca de quarenta obras de sua autoria. Foi o idealizador e curador da Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras (Fortaleza, 1986 e 1991). Com diversas exposições realizadas e participação em importantes salões, bienais e outras mostras coletivas na Europa e nas Américas (Realité Nouvelle, Salon de Mai, Bienale de Paris, Trienal de Milão, Bienal Internacional de São Paulo, entre outras), sua obra está representada nos principais museus do país e em coleções públicas e privadas do Brasil e exterior. Em 2011, a Pinacoteca do Estado organizou importante retrospectiva da obra do artista. Em 2012, a Galeria Raquel Arnaud, que o representa desde 2009, apresentou um recorte de seu trabalho na exposição "Simples como um triângulo". Lançou os livros A linha e a luz e É perigoso spogersi em 2015, mesmo ano em que voltou à Galeria Raquel Arnaud com a mostra "Traço volume espaço". Em 2017, é o artista homenageado dentro do Projeto Arte e Indústria, parte da mostra do 6º Prêmio Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas no Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE).

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**



9464

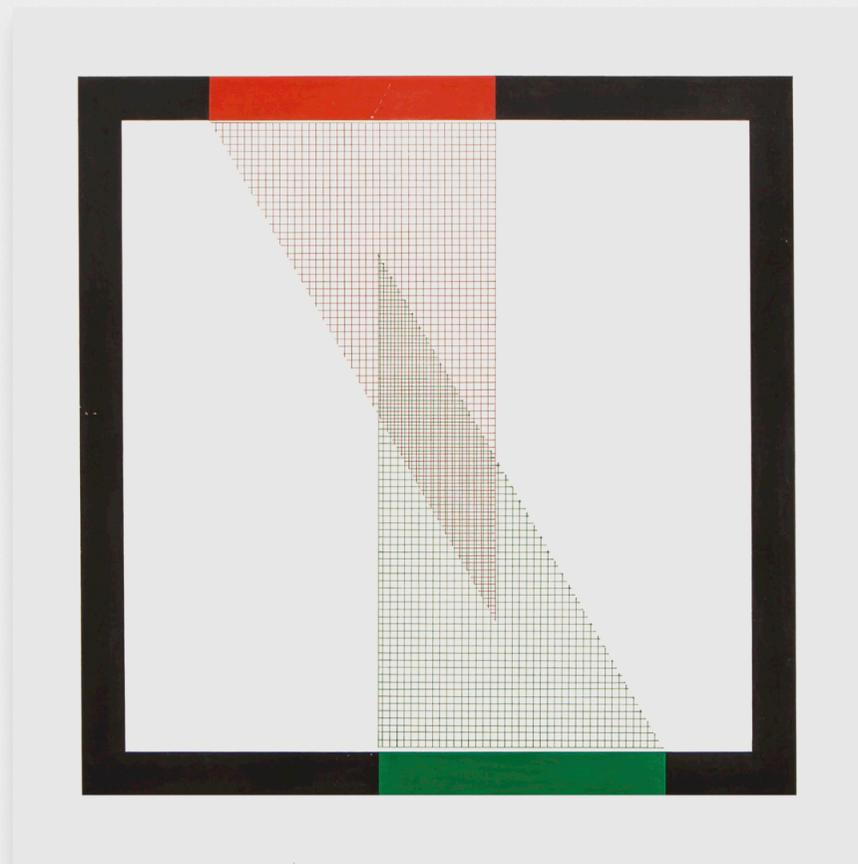
Sérvulo Esmeraldo

E7124 _ 1971

madeira, fio de algodão e plexiglass

49 x 49 x 7 cm

GALERIA
**RAQUEL
ARNAUD**



14115

Sérvulo Esmeraldo

Sem título _ 1977

pintura acrílica sobre tela sobre eucatex

60 x 60 cm

GALERIA RAQUEL ARNAUD

rua fidalga 125

05432 070

são paulo _ SP _ brasil

+55 11 3083 6322

www.raquelarnaud.com

info@raquelarnaud.com

A consistência e a importância de um artista vêm do aprimoramento de suas fases e pesquisas. Para um artista, assim como para uma galeria, é imprescindível manter uma linha de trabalho sem concessões. A trajetória da Galeria Raquel Arnaud é assinalada por escolhas visuais contundentes e pelo esforço no sentido de colocar em perspectiva as tendências que representa.

Precursora no mercado de arte brasileira e fundamental para o desenvolvimento e consolidação da arte contemporânea, a Galeria Raquel Arnaud foi criada em 1973, com o nome de Gabinete de Arte. Com espaços marcantes assinados por arquitetos como Lina Bo Bardi, Ruy Ohtake e Felipe Crescenti, o Gabinete passou por diferentes endereços como as avenidas Nove de Julho e Brigadeiro Luís Antônio, além do espaço que havia pertencido ao Subdistrito Comercial de Arte, na rua Artur de Azevedo, em Pinheiros, no qual permaneceu de 1992 a 2011.

O foco no segmento da abstração geométrica e a atenção especial dada às investigações da arte contemporânea – arte construtiva e cinética, instalações, esculturas, pinturas, desenhos e objetos – perpetuaram a Galeria Raquel Arnaud no Brasil e no exterior, tanto por sua coerência como pela contribuição singular para valorização e consolidação da arte brasileira. Para isso, contribuíram de forma fundamental artistas como Amilcar de Castro, Willys de Castro, Lygia Clark, Mira Schendel, Sergio Camargo, Hércules Barsotti, Waltercio Caldas, Iole de Freitas e Arthur Luiz Piza, entre outros.

Atualmente com sede na rua Fidalga, 125, Vila Madalena, a Galeria Raquel Arnaud representa artistas reconhecidos nacional e internacionalmente – Waltercio Caldas, Carlos Cruz-Díez, Arthur Luiz Piza, Sérvulo Esmeraldo, Iole de Freitas, Maria Carmen Perlingeiro, Carlos Zilio e Tuneu. Os mais jovens atestam a consolidação de novas linguagens contemporâneas – Frida Baranek, Geórgia Kyriakakis, Elisa Bracher, Daniel Feingold, Julio Villani, Célia Euvaldo, Marco Giannotti, Wolfram Ullrich, Elizabeth Jobim, Carla Chaim, Carlos Nunes e Ding Musa.

Raquel Arnaud também fundou o Instituto de Arte Contemporânea (IAC) em 1997, a única instituição no Brasil que cataloga documentação de artistas.